

A CAFIFA DA TIA JURACY

O reumatismo da minha querida tia Juracy era crônico, mas as terríveis crises de dor eram episódicas e eventuais. Nessas ocasiões, o sobrado da rua Duque de Caxias se transformava numa espécie de capela doméstica, onde cada visita era quase uma romaria, cada chá de gengibre um sacramento, e cada suspiro da tia Juracy — aquela mulher de trajés escuros e olhos como vitrines de saudade — um salmo resignado à dor.

Dizia-se que a cafifa dela não vinha sozinha. Era como aquelas visitas de parente distante que aparecem com malas e crianças chorando. Junto com o reumatismo vinham os sonhos antigos, os resmungos contra a república, as memórias do tempo do bonde e as pragas murmuradas contra o prefeito, o vizinho e o leiteiro, não necessariamente nessa ordem.

Durante os surtos, tia Juracy não andava — desfilava em sua imobilidade altiva. Ficava deitada como uma imperatriz deposta, com o lençol dobrado com rigor quase militar sobre o ventre, um rosário entre os dedos e uma expressão de quem ainda esperava que Dom Pedro voltasse de algum degredo para lhe conceder uma audiência.

Na verdade, minha querida tia confundia os tempos: acreditava que Getúlio ainda era presidente, que o rádio de válvula na sala transmitia notícias frescas, e que o Brasil, em algum gesto mágico, ainda podia ser salvo por um general de boa alma ou por um padre milagreiro. A dor — esse demônio de agulhas nos ossos — fazia-a viajar pelos séculos como quem muda de quarto.

No entanto, havia beleza em sua cafifa. Sim, beleza. Porque, tolhida de movimentos, tia Juracy ganhava liberdade para dizer o que queria — e Deus sabe que ela queria dizer muito. Era nos dias de maior dor que se ouviam as maiores verdades. Uma vez, deitada na cama com o cotovelo enfaixado e o olhar incendiado de febre, ela lançou a sentença que ainda ecoa na família como um provérbio pagão:

— Homem que não sabe fazer café e mulher que não lê são duas desgraças que andam de mãos dadas.

Outra vez, ao ver meu primo tentando colocar açúcar no arroz:
— Esse menino vai crescer e votar errado.

E cresceu. E votou. E ela, já no leito terminal de sua última cafifa, apenas murmurou:

— Eu avisei.

Mas o mais fascinante na cafifa da tia era o ritual de sua partida. Porque o reumatismo vinha, mas também ia, como se obedecesse ao calendário lunar ou a um pacto silencioso com os santos de sua predileção. E quando se retirava, a tia se levantava como Lázaro doméstico, soltava um arroteo de chá de boldo e anunciava com solenidade:

— Graças a Santa Efigênia, a minha cafifa passou.

E voltava à sua rotina de censurar novelas, jogar cartas com as amigas e vigiar a vida alheia da janela, como uma sentinela da moralidade popular.

Hoje, a casa da rua Duque de Caxias jaz em silêncio. A janela de onde tia Juracy espionava a vizinhança está lacrada, como um olho fechado pelo tempo. E sua cama — trono, cova, palco e altar — foi vendida a um jovem casal moderno, que não acredita em reumatismo nem em santos, e que acha que “cafifa” é o nome de um restaurante vegano.

Mas quando, em alguma tarde abafada, a luz entra de lado e ilumina as tábuas do chão com aquele tom de lembrança amarelada, quase se ouve um suspiro vindo do além:

— Esse menino vai crescer e votar errado...

E a gente sorri. Porque sabe que, se cafifa era dor, também era memória — e certas dores são a forma mais teimosa que a saudade encontra de morar nos ossos da gente.